

eflexor dos gatos . . .

6

primavera

JQ

Foi um sono profundo, de um ano - sete meses. Mas o importante é que ele está vivo, são e saí. O JORNAL DO CRUSP existe desde novembro de 79, quando publicou-se o "UM PEIDO NO ESCURO" (Nº 1). No apogeu dos atentados sobrou até pro Crusp uma festa, na ciências sociais e oficina, em abril de 80, elementos num corcel branco, soltaram bombas de gás lacrimogênio pra nos assustar. Nesse momento os policiais do campus desapareceram. Nós não deixamos varado: saiu o "UM PEIDO NO ESCURO" (Nº 2), a edição bombardeada! No dia do aniversário de retomada, em 8 de novembro de 80, saiu o "CARENTE É O Crusp" (Nº 4).

Em julho, publicamos

camos o nº

"EMBUSTE", que

em seu editori-

al dizia o se-

guinte: "...A

burguesia está

lmente deca-

dente, tanto

quanto o seu

sistema políti-

co-social fali-

do. Fuirá...,

hoje, amanhã,

no conto do im-

poeta louco, ou

nas suas bases

econômicas."

"Marx, Artaud,

Reich, Foucault,

Maikovski, o so-

cialismo, estão ai." "...Trepidante-

mente caminhamos, ora para a revolu-

ção transcente,..." e se continua

a existir, dentro dos nossos sonhos

revolucionários, o discurso burocrá-

tico, a exigência capital e a luci-

da-loucura-sobrevivente crítica das

ideias de socialismo utópico, temos

que superar-nos a cada momento...

(Luis Preto)."

A quinta edição, "TRIBUTO AO GUETO?",

contou com uma equipe especializada

de redatores, a maioria estudantes

de jornalismo.

Desde o começo o jornal do Crusp

foi aberto a todo tipo de ideias, variando do lúcido, ao engajado, do eu, o nós, o tu. O verso do poeta, a análise política, a reportagem, um fragmento de discurso, tudo é motivo pra se fazer um jornal.

Ler estes jornais é conhecer um pedaço, o dízivel da história do Crusp. Uma história que oficialmente se desconhece, mas que nem por isso deixa de existir e repercutir.

REFLEXO DOS GATOS,

a sexta edição do Jornal do Crusp,

tá saindo agora porque antes não deu:

muitos se omitiram, outros não tiveram saco, ou simplesmente não quiseram e uns poucos sobre-carregados,

assumiram, lembrando

um ditado chinês que

diz: "se quiser algo,

convoque os mais ocupa-

dos, os outros não

terão tempo." Publica-

mos o que recebemos.

Pro nosso muy amigo

de Barcelona, aquele

abraço! Esperamos que

ele já não precise

embrar los gatos, e

los tejados de las

calles. Como vai a

"Associação Amigos de

los gatos?"

Eles têm aumentado no

Crusp e estão na

espirita! Noite aden-

tro. Intensa neblida.

Tempo e espaço bailam etilicamente.

As nuvens invadem a terra bêbada,

e o paraíso. Pela enésima vez vou

cruzar o túnel do tempo.

Rapidamente um deles surge, uns

famintos outros amáveis.

No fundo, na sua retina,

esconde-se todo

um mistério.

E E

D D

I I

T T

O O

R R

I I

A A
L L

Hasta cuando cruzo la calle los niños me miran con malos ojos. Y no hay nada peor que una mirada torcida de niño, lo juro. Si ellos lo toman ojeriza a uno ya está acabado. Su historia no vale un pimiento.

Por esto me duele que los niños se olejon de mi y me griten comegatos.

No voy a negar que me gustan los gatos. Bien cocinados son un plato exquisito. Su carne es blanca como la leche de una mujer. Con uj ajillo o un poco de pimienta negra sabe a gloria. Lo sé. Los he comido años y años. Ahora ya no quedan. Y si quedan los guardan a mi ávida búsqueda.

Ya he dicho que como gatos, si los encuentro. ?Qué mal hay en ello? ?No son acaso como los conejos? ?No se come todo el mundo al conejo, incluso el que se cría bajo la mirada feliz de los niños?. Pero comer conejo no ofende a nadie. Comer gatos sí, es un estigma o algo así.

Yo, de muy jóven que como gatos. Empecé cuando estaba sin trabajo y las tripas me roian. Uno debe sobrevivir. No importa con qué.

Comí gatos toda la vida. Incluso hervidos, con col. Es un áspero menú, pero cuando uno tiene ham-



bre todo sabe bien.

Aquí, en este barrio habís muchos gatos. Cuando me vine a vivir aquí fue un descubrimiento. Cada caís un gato o dos. Fue una buena temporada. Pero al fin la esto se acabó. Escasearon los gatos y creo que alguien los escondía. Hay gente así.

Ahora no quedan gatos en este barrio. Ni pequeñitos. Ni nacen, creo. Pero los niños me gritan comegatos, como si fuese yo un ogro, talmente. Y juro, que no como gatos.

No es que no los comeria - que este es una debilidad que uno no puede evitar -, no es que no los comería, pero es que no los encuentro. Tanto dā que salgo a medianoche por los tejados y vaya con mi suave misino, misino. Como mas me contesta la voz de una doncella. Pero no es un gato. Un gato siempre será una cosa distinta.

Ahora he formado el grupo "Amigos de los gatos" y nos reunimos cada primer domingo de mes a la taza del Agustín y nos zampamos un gato. Nos los treen unos gitanos que vivem por las afueras. Hemos puesto un anuncio en un periódico pidiendo gatos. Porque cada dia somos mas los del grupo. Y, tal como suponía - esta carne gusta tanto que muchos socios han propuesto celebrar reuniones todos los domingos.

JULIAN

GUSTEMS

nacos de nuvem

Formato de sonho

Hoje sonhei
Confusos sonhos, escuros, perdidos
em meus pensamentos.
Já não sei se sonhei ou se pensei
no que sou ou serei
Realidade se confunde com fantasia
Fotos escuras de árvores sobre a mesa
se confundem com fotos reais vistas na véspera.
Rostos se perdem, se buscam,
lugares se acham, se envolvem, se contorcem.
Confusões mentais, ambientais, se tornam presentes.
Cabelos longos, curtos, rostos ausentes
Loucura frequente, Danilo presente
Algo estranho no ar, minha caleça parece estourar.
Estranho ciúme, não consigo compreender
Como sentir perda do que não se chegou a ter
Pouca luz, muita sombra, muita luz
claro, escuro, tudo parece estar muito obscuro
Apartamentos celados, esfaqueados.
Remo, Ari, Inês, Eni.
Acordo cansada,
A janela está preta,
Não consigo ver, entender,
Puxo a coberta
Minha lucidez tento encontrar
me perco no sono
e mais uma vez torno a sonhar.

27/07/82

MÁRCIA - 506 - A

BOMBA DE NEUTRONS

Se qualquer noite escura destas
te surpreender umclarão no céu,
a 900 metros de altura,
olhe bem pois pode não ser
a lua surgindo entre nuvens.

Se sobreviveres ao impacto,
ao calor e à dor em teu coração
aproveite bem os dois dias
que a irradiação radioativa
te permitirá viver em lenta agonia.
Mas não te preocipes.

Todos os teus bens,
laboriosamente acumulados
em anos de trabalho,
permanecerão intactos.

HÉLIO M. CANEMA

AURORA TROPICAL

Não temos nomes: isto é lírico?

Ah o vento das nove horas me lambe, com sua língua
sutil. Mas vemos transplante de coração, de córneas,
computadores de quarta geração, plásticos.

Ah Rimbaud sussurra em nossas orelhas
suicídios metnonímicos, refinadíssimas cabalas.
Poeta imprimo-me a quatro cores: agora sou
azul cosmos. Leio as receitas de guerrilha
disponíveis, mas nenhuma inclui
meus ingredientes básicos. Nós, brasileiros,
somos os mais recentes bárbaros do planeta,
mas nos vestimos de jeans, aros de ouro,
brincamos com telefone, intelsets.

Esta bolsa transborda de exóticos:
parisienses, italianos, suecos, muçulmanos,
pilhas de rádio, sapos palradores,
restos de príncipes, insetos. Hoje,
vou esquiar nas nuvens. Amanhã,
greve no ABC. Lincharam um prefeito
na Baixada Fluminense: estou meio sem graça
pois negaram-se a comer o cadáver.

Porque? Se nossos nomes forem divulgados,
quem se sentirá sob execração? Anuncio o futuro
como quem compara ketchup com o rubro espectro
das manhãs de sol nascente: aurora tropical.

Amir Vieira

BLOCO B PARA MORADIA!

Apartir de 11-03-82 o 1º andar do bloco "B", após duas tentativas frustradas, voltou a ser moradia estudantil e o CRUSP entra numa nova fase. Foi necessária muita briga e discussão, muita disposição e energia para que juntos, antigos e novos moradores alcançassem essa conquista.

O "B" foi diferente desde o começo. Iniciando a convivência novos-velhos cruspianos no acampamento de frente à reitoria com festas, discursos e polêmicas, atingindo o seu auge no dia da invasão com gente brigando com o porteiro e outros tentando subir pela escada de incêndio. Inesquecíveis os dias de "rango coletivo" que foi feito pelos provisórios moradores enquanto a seleção transcorria e até um pouco mais além, em que foi conseguido o fogão da Tico emprestado e colocado na "cozinha" do apto. 101. Cada dia um fazia a comida e todos contribuíam com o que pudessem. O ato da "ceia" era divertidíssimo, mais parecendo uma grande família reunida.

Muita coisa mudou. Quase todos os apartamentos já têm sua infra-estrutura básica + fogão e chuveiro. A briga atualmente é com as divisórias - a dificuldade de se conseguir material na própria universidade, as "faixas" e os "barracões" não são muitos - mas a briga está sendo encarada e resta a esperança da ajuda da burocracia com as reformas.

O fato inédito de no 1º andar do bloco "B" entrarem só novos moradores criou, como podemos ver, uma grande vivência entre os próprios moradores. Na maioria juntos desde o começo, não enfrentaram dificuldades no relacionamento com os vizinhos. Já se conheciam ou do acampamento/invasão, ou do processo de seleção, ou mesmo num bate-papo doido enquanto esperavam seu banho no primeiro ap. a ter chuveiro quente, o 110.

O "pique" de "ponta de lança" do movimento moradia do bloco B não caiu, como muitos pensam. Está aceso mais do que nunca com a retomada do 3º andar, clima este já compartilhado com os muitos "hóspedes" que esperam sua vaga no "B".

Agora, com a cogitada transferência de antigos moradores do bloco F para o "novo" 3º do "B", espera-se que este aumente sua força cônjugue e nos curtamos mais do que nunca.

para.
O B TODO
MORAR !

B
O

M
B
A
S

ÀO

MINEIRO

Um raio eu vi rapidamente riscou. Oscilou no céu. Como num relâmpago, o azul eu vi logo em seguida amarelo.

TOC - TOC - TOC
OOT - OOT - OOT

Cada passo meu na calçada. Alegria e depressão separam-se, duas vezes cada vez. Minha cabeça-de-negro. Minha individualidade, a solidão. Percurso linear. Atrasada, corria em sentido opário, total. O ponteirinho marca as horas certas, mas a ponteirinha marca qual quer minuto.

- Cuco! Cuco! Cuco! Cuco!

Novamente a certeza que o Big-Ben é a maior ave do mundo. Fim de tarde de outono. O sol se punha. Aquela boca vermelha sensual no céu. Era delirante de se ver! O batom original sobre mim. Uma sensação violenta-doce atravessava todo meu corpo, ia morrer na praia, aos pés dos coqueiros baianos, de tão grande que era. Tiquai arrepiado, de prazer. Espumas de prazer. É benito de se ver! O batom. Entardecia. Nem todos chumaços de algodão aparecidos eram suficientes para tirar o batom da boca ardente. Da boca apaixonada. Da anel e seu fio ficou fio vermelho.

O céu é o céu do mundo...
Todos os gases tóxicos, venenosos...
De todos os tamanhos,
Poucas formas;
Cilíndricas, pavorosas, sempre
Tudo que fede no homem dali nas cabeças
indefesas aqui na terra, lá do céu.

Liberdade! Liberdade!
Abra as asas sobre nós!
Todo cuidado é pouco, porém.

Em toda loucura uma razão, Assim falou Niestche. Como um automóvel elétrico a frase passou. Já tinha um destino certo. Os automóveis não passavam. A cidade monumento estava óca. Em pé e morta.

**TOC - TOC - TOC
OOT - OOT - OOT**

Associação dos ex-alunos da Getúlio Vargas. Brilhava nas lanternas metálicas. O velho casarão resistia ao tempo. Silencioso, ia perdendo a cor - já predominava o cinza - mas não perdia. Cinza-fumaça-de-cantoneiro-de-discarga. Chumbo desinteressante e vazio. Uma observação mais apurada muda sempre o ritmo do coração. Infinitésimos de pedaços de segundo. A esperança era... Batia acelerada no peito. Com caracteres de veludo, agarrado firmemente na parede úmida, uma colônia de musgos, vivinha-da-silva-xavier. Visualmente perfeito: o vivo verde-claro sobre o (mundo) fundo negro. Fitando o painel, fui devaneando. O bom humor do destino é grande. E sorri encabulado. Eu adorava arrancar musgos quando criança. A barba cresceu novamente e ficou de molho. Voltei a ouvir buzinas. Não quero. E moldure a penúltima imagem e a coloco simétricamente em frente ao lugar da poltrona grande de minha mente. Ao sotão com as fotos de casamento!

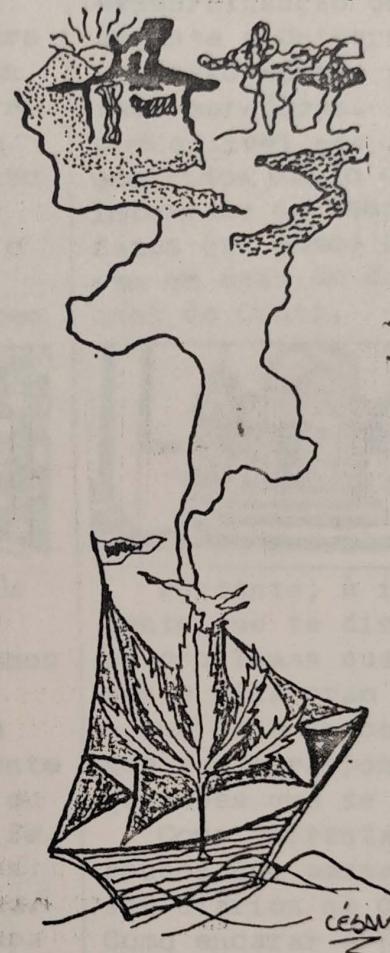
MANIFESTO PELA DESCRI^MINALIZAÇÃO

Considerando que:

- o uso da maconha é um costume amplamente difundido em todas as camadas sociais do país.
- a legislação "anti-tóxicos" considera a maconha "uma droga perigosa".
- esta lei permite às autoridades policiais exercerem o abuso do poder (como é documentado pela imprensa), em geral extorquindo ou agredindo o usuário.
- essa repressão ao uso da maconha, tanto policial quanto cultural (ideológica), tem a carreta de problemas psicológicos, familiares e sociais ao fumante de maconha.
- a maconha não causa dependência física, e que estudos científicos mostram que o uso da maconha não leva necessariamente a danos à saúde.
- existe um forte pre-conceito (de classe média) em relação ao "maconheiro", que é considerado um criminoso (e pecador).
- todo indivíduo deve dispor de sua própria liberdade da forma que bem entender (sem prejudicar o outro). Tendo o direito a alterar sua consciência.
- os altos lucros provenientes do tráfico da maconha estão intimamente ligados com sua proibição...

Defendemos:

- a reformulação da atual legislação sobre tóxicos.
- a descriminalização da maconha, ou seja, que a posse de pequenas quantidades não seja crime passível de prisão (ou multa); que o uso da maconha deixe de ser assunto da área criminal.
- que o plantio doméstico seja dissociado legalmente do tráfico.



Propomos:

- a criação de uma Assessoria Jurídica para a defesa do usuário detido, a agredido ou extorquido pela posse de maconha.
- a formação de uma Comissão Científica de estudos interdisciplinares sobre a "Cannabis" (maconha).
- o lançamento do Movimento pela Descriminalização da Maconha... (cujo objetivo é...)

or que esta preocupação agora?

Como vai ser esta organização?

São duas perguntas que estão sendo repetidas constantemente pelos corredores e apartamentos do Crusp. As respostas são tão evidentes que parece que não as vemos.

Vêm de longa data, as tentativas de se instaurar no Crusp uma organização que responda aos anseios de Cruspianos, burocracia (Reitoria - Coseas) e universidade. A desorganização no Crusp hoje é tão expressiva que a buro-



cracia chega a pensar que essa organização existe secretamente e não ventila no exterior do Crusp.

A nossa desorganização é notória e detectável em qualquer canto destes prédios. Existem várias teses que tentam explicar o seu motivo, mas nenhuma abrange na totalidade, os pontos fundamentais. E talvez deveríamos montar nossa plataforma de organização encima desses pontos julgados fundamentais. Mas torna-se repetitivo e difícil. Todas as tentativas de se levar adiante um ti-

po de organização séria e, principalmente, respeitada pelos moradores, falharam por terem sido colocadas através de discursos teóricos e fictícios, muitos deles alheios à realidade do Crusp. Portanto, urge e se faz necessário, para sairmos da ameaça de implosão iminente que ronda o Crusp e para que não percamos todo o trabalho desenvolvido antes e após a primavera de 79, uma plataforma de propostas tomando como linha diretiva os problemas que afetam o Crusp atualmente.

Foram-se os bons tem-



pos (leia-se Reitoria Antiga) em que nós, Cruspianos, propunhamos nossas idéias a uma administração que se atropelava internamente para nos responder, ou para nos contrapor, fazendo uso de todas as armas de que dispunha. Nós nunca nos preocupamos com as pessoas que circundam o reitor. Hoje, com pouco mais do que uma resma de papel e alguns discursos legalistas, porta-vozes da Reitoria conseguem por em pano toda a existência Cruspiana; com pouco mais de uma tona lada de areia e algumas

chapás de compensados eles conseguem fazer-nos perder noites de sono. Foi-se o tempo em que nós empregávamos o lema do militarismo: "Enquanto eles estiverem preocupados, nós estaremos tranquilos".

Existe uma campanha, por parte da Coseas, de desmoralização do Crusp perante a Universidade e, logicamente, perante seus moradores. Isto é perceptível nos fatos ocorridos neste curto intervalo de tempo, fatos que nunca ocorreram em mais de dois anos de Crusp.



Portanto, é importante que se discutam os problemas que atualmente dilaceram o Crusp e que cada proposta que surja responda às questões que se seguem:

Como enfrentar os roubos que passaram a ser diários no Crusp? Como encarar a proposta da Coseas referente à portaria? (Na minha opinião, a portaria deve ser repelida consensualmente, e se alguém estiver interessado em saber por que, basta ler o relatório do inquérito da Polícia Militar de 68-69.)

Que apoio o Crusp

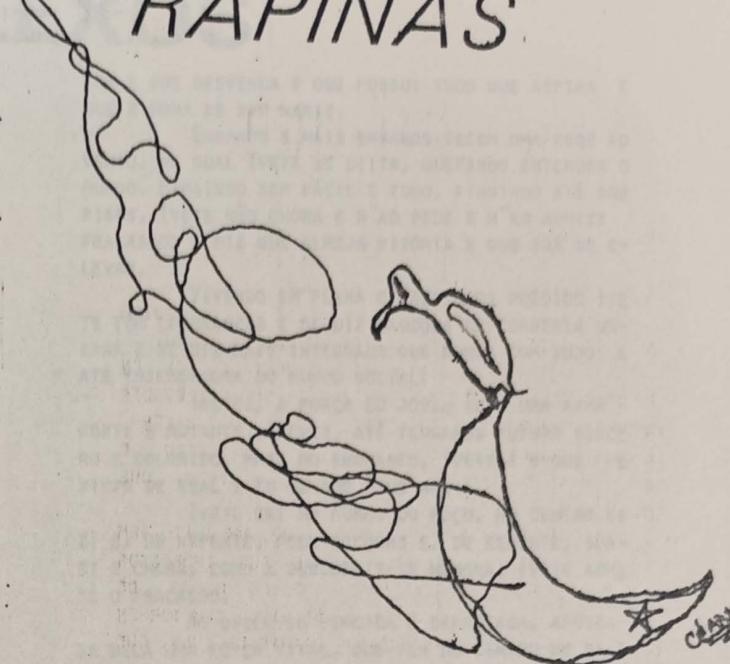
ORGANIZAR

VÔOS E RAPINAS

Paralelamente à guerra da Coreia existia o pensamento mudo, silenciava-se gritos, em apariências perdidas. Macartismo, família "célula-mãe", padrões absolutos, coesos, radicais, inquestionáveis. E equidistante entre a prisão e a loucura, o artista gritou: Não é meu este tempo de corpos exânnimes!

Esfuziante. Ser jovem, verdadeiramente jovem. Incorporação estranha, tristeza alegre, raição. Sem aparências, selvagem, batons nos lábios da insegurança íntima. Ser jovem, dilaceradamente jovem. Cagar na cara do mundo regrado, assumir a sede do tumulto e violência, delirar nos conflitos fantásticos e audaciosos onde arriscar a vida constitui o único canal de perspectivas. - Uma linguagem.

Na última época da história, surge-me um rebelde, desmorteado, frustrado, paranóico, marginalizado, lindo. O que não quer saber de coisa alguma. Sem justificativas, sem explicação. Alguém do mar, desprezado pelo egoísmo lógico, de ainda muitas ilusões. Ainda irado, drogado, desejado já agora, romântico. Aquela que, esquecendo o raptus, caminha pelas ruas impressionistas querendo fantasia. Retira o óculos escuros, céu azul, terra verde, o sol, descoberta. E como que peca contra si mesmo, segura a cabeça com as mãos: EU AMO. E amaldiçoando o que sente ou pensa sentir, transe draconiano, imagens. A asa delta, imponente, sem forças para o vôo. Aviões de ávidos devorando as estradas para as entregas. O ócio, o ócio, o torpor, a sede, a angústia. A invasão dos bancos e joalherias, as bombas explodindo



os quartéis, armas no corpo, palácios, congressos templos, laboratórios, sangue e sofrer, morte. Lá grima amedrontada de amor, balbucia: eu amo.

Surgiu-me o jovem em lugar distante, longe dos olhos que não conseguem além do visível, onde os recortes do lixo não conseguem penetrar. E na praia, disco prateado, a música da noite abençando a cónpula, ele penetrou e se transformou em mim. Sem medo algum, destrui abutres e resolvi parir o amor.

ELMO

A Gravata Azul

Jair Humberto Rosa

Sou triste e tenho uma gravata azul. Mas a minha gravata azul não é triste. Só eu mesmo é que sou triste.

Os olhos da minha namorada também são azuis e não são tristes, tristes são os meus, que são cinzentos, cor de tristeza.

A minha gravata azul é sozinha e está suja e ensebada, mas não é triste. Eu gosto dela e nunca vou comprar outra.

O meu chefe já me mandou comprar outra, porque a minha está muito feia, mas eu não acho que ela está feia e não vou comprar. O meu chefe também tem os olhos azuis, mas como eu não gosto dele não posso dizer se seus olhos azuis são alegres ou tristes.

Quando comprei a minha gravata azul, eu já era triste e a gravata já era azul e não era triste, por isso eu quis comprá-la. Eu não gosto de coisas tristes.

Trabalho numa loja, por isso tenho da usar gravata, mas não me queixo. Eu amo a minha gravata. Eu amo também a minha namorada porque ela tem os olhos azuis. Mas o

meu chefe também tem os olhos azuis e eu não gosto dele, porque ele fica censurando a minha linda gravata. Falou para que eu compre outra azul, mas não adianta ser outra azul. Uma gravata azul é apenas uma gravata azul.

Só a minha é que é bonita, mesmo suja e ensebada.

Quando eu choro no banheiro da loja enxugo as lágrimas na minha gravata. Se me perguntam que foi eu digo que estava lavando o rosto e pingou água na gravata. Mas no banheiro saio sorrindo feito retardado, porque trabalho numa loja e sou obrigado a sorrir, porque os fregueses não têm culpa de eu ser triste e se eu não sorrir o meu chefe me põe no olho da rua.

Perguntam-me porque eu não tenho os olhos azuis, se meu pai os tem e minha mãe tem os olhos azuis mais lindos do mundo. Acho que, de tristeza, os meus olhos, que eram azuis, ficaram cinzentos. Cinzentos como a tarde, que é muito trista.

Tenho vinte anos e trabalho numa loja, onde tenho de sorrir o dia inteiro, porque senão vou para o olho da rua, mas o meu chefe tem quarenta e cinco e trabalha na loja há vinte anos e não fica sorrindo. Ele é granzinza e não gosta de mim, por causa da minha gravata azul. Ele sabe que, tenho de

escolher entre o emprego e minha gravata - nha, eu mando ele e o emprego para os quintos do inferno e saio tranquilo com a minha gravata. Porque empregos existem muitos, mas a minha gravata azul é única e eu a amo como amo a minha namorada que tem os olhos azuis.

Um dia eu vi uma bortejota azul e tive vontade de ser uma bortejota azul. Mas depois, eu pensei bem e achei que melhor não era ser a minha gravata azul, porque ela não tem de ficar sorrindo o dia inteiro, mesmo sendo triste e tendo vontade de chorar.

Faz tempo que tenho comigo uma vontade, uma quase obsessão: arguir um momento à minha gravata azul. Mas sou apenas um empregado de loja e não tenho amigos, porque sou triste e tenho gravata azul e as pessoas não gostam de gente tristes e nem da minha gravata azul, porque ela está suja e ensebada.

Mas não fui eu que a fez ficar assim, porque eu a amo demais para fazer isso e as lágrimas que enxugo nela não a sujam, porque são puras. São os outros que a fazem ficar suja e ensebada.

Um dia eu queria deixar de ser triste e sorrir sem ser obrigado. Mas isso só quando a minha gravatinha azul for aceita. Só quando ela for aceita.

REFLEXOS

malafaia

Ivete tinha um sorriso terno e simples, belo e lírico.

Todo o sentido que não fazia o todo, toda a descrença da realidade, que se afigurava monstruosa ante os olhos claros dela, prosseguiam em imagens demolitoras, dentro do seu interior.

Ivete tinha não sei que vontades de entender e um mundo de incompreensões que lhe esgota va os pensamentos. Ivete tem um quê de não saber-se onde, como ou porque de se perder no lógico e se achar no transparente do incerto, no erro, que lhe conduz a não se sabe onde.

O mundo tem um jeito fátu, um jeito sem carinho de ser desajeitado, frente aos indefesos disso tudo; desse não saber-se como, ou mesmo de entender de agora, no momento, de viver sem tormentos, por estarmos amedrontados diante de tudo, que é tão pouco.

Muito haveria de entender o sentimento e de sangrar a chama primeira de seu despertar moreno. Tinha um dia e uma noite pela frente e sempre mais um dia e uma noite pela frente e sempre.

Muito teria que chorar o homem do presente e muito mais que temer, ante a sua incapacidade de entender. Gestos desmedidos dão a quantidade e xata da regra e da espessura do espaço que nos prende, ata, atrofia e desnorteia.

- Ah, Ivete, Ivete!

Processam-se dias afora e a gente tenta reconstituir os fatos e tenta ser completo ante tanto e, perante tão pouco, é como se fossemos menores do que o que realmente somos.

Como um rio, a vida segue seu curso e se bate nas pedras do seu leito profundo, como a desviar seu rumo, como a nos tirar do sério e nos nivelar de forma insegura sobre alicerces falsos e temerosos que os sétimos céus caiam sobre nossas cabeças e nos comprimam contra o solo e nos inunde com um mar de rosas.

Desde o princípio, esgueirando-se pelas sombras dos cantos defensivos, Ivete se mostra e se esconde com o sorriso e faz do corpo seu escudo sem jamais entregá-lo a alguém.

Como se fosse fácil, fingindo docura e encanto, Ivete diz que busca e que encontra, descobre e vasculha, quê mira e que absorve, que pene-

tra e que desvenda e que possui tudo que aspira e que é dona de seu nariz.

Enganos e mais enganos tecem uma rede ao vento, na qual Ivete se deita, querendo entender o mundo. Fingindo ser fácil e tudo, fingindo até sorrisos, Ivete não chora e não pede e não admite fracassos e diz que almeja vitória e que irá se elevar.

Vivendo em plena cidade, dos prédios Ivete tem lembranças e se diz saudosa da correria urbana e se diz mais integrada que nunca com tudo e até entendedora do mundo social.

Talvez, a força do jovem seja uma arma forte e mutante. Talvez, até temhamos futuro sincero e colorido, mas, no entanto, Ivete é o que existe de real e eu me amo e me amo.

Ivete cai no fundo do poço, no centro de si e, de repente, pede socorro e, de repente, sorri e chora, como a descobrir-se humana: Ivete admite o fracasso.

Ao dizer-se vencida e derrotada, apossa-se dela uma força vital, que vem do centro de si e ela se transforma e ela constrói e destrói, conforme vontade própria.

O todo é podre e Ivete já sente o cheiro sente o gosto amargo do real queima-se nas chamas dos preconceitos, enquanto ouve as tolas verdades e mira a beleza do interior humano.

Vasculha, mira, procura, enlaca-se com os tormentos, mergulha no mar de rosas, sobe aos sétimos céus, ao atingir o orgasmo.

Descortina-se o palco do próprio interior e a cena é de vibrações e sentimentos balançando o coração e sustentando-se sobre o novo alicerce.

Ivete provoca medo em Otelo. Ele se esgueira nas sombras e sorri enquanto defesa, até que numa bela tarde de sol, ele caiu no fundo do poço. Ontem. Hoje, ele se debate no próprio peito.

Ivete sorri, de vez em quando, com muita maturidade e de forma sincera.

Hoje, Ivete chora e agride o ser humano, pondo as suas verdades ante as verdades tolas do mundo. Ivete cresceu mais que tudo e a solidão lhe acompanha, após a camaleada interior, que deu a sua essência uma nova forma e um novo conteúdo: outro perfume e outra cor.

Hoje, Ivete espera que todos caiam no fundo do poço e mergulhem no mar de rosas e subam ao sétimo céu, após atingir o orgasmo.

Hoje, Ivete ama.

todos os vícios
nos salvam
salvo a
covardia
dos omitidos
por própria
consciência

todos os vícios
nos salvam
salvo
a profundeza
das palavras
que querem chegar
a algum lugar

todos os vícios
salvo
nos salvarem
de tudo
agridem
os espíritos universais
a totalidade

TABA

O CRUSP

pode oferecer aos departamentos de Letras na continuidade de sua luta por um prédio próprio?

Como legitimar às Assembléias de Crusp?

A questão de hóspedes no Crusp, fator que algumas pessoas associam diretamente aos problemas que enfrentamos ultimamente.

Como se posicionar frente aos não-estudantes que se hospedam por longos períodos no Crusp? Este tem sido o nosso ponto vulnerável em discussões com a Reitoria. (As explicações desta fobia por não-estudantes da parte da



burocracia é perceptível no relatório do inquérito da Polícia Militar de 68-69.)

Que fazer perante a posição da Coseas quanto ao processo de seleção?

Qual o grau de autonomia do Crusp em relação à reitoria e à Universidade?

Como manter o Crusp? Como pleitear verbas e angariá-las para as reformas, manutenção e construções?

Todas estas questões devem ser respondidas levando-se em consideração que o grau de paci-

ência da Coseas supera em muito a milenar paciência chinesa. Hoje, para eles, importa apenas observar, (depois) falar e observar, depois observar, falar e participar. Não creio que nos interesse que eles saibam com quem moramos, com quem convivemos; se os casais do Crusp são legais, se os moradores do Crusp frequentam integralmente a escola, com quantas pessoas diferentes a menina do apartamento de cima dorme semanalmente, quais são meus hábitos de leitura, qual o seu grau de afinidade ao movimen-



to estudantil, quais suas ligações políticas e ideológicas, ou simples

questões como a disposição dos seus móveis no seu apartamento, se você cozinha em casa, se você estuda ou simplesmente vive. Se não levarmos em conta que eles não têm pressa, corremos o risco de que em algum momento o Crusp ainda exista, isto tudo passe a ser apenas uma extensão da Reitoria ou um hotel universitário onde você pode morar a preços módicos e estudar com a tranquilidade de um

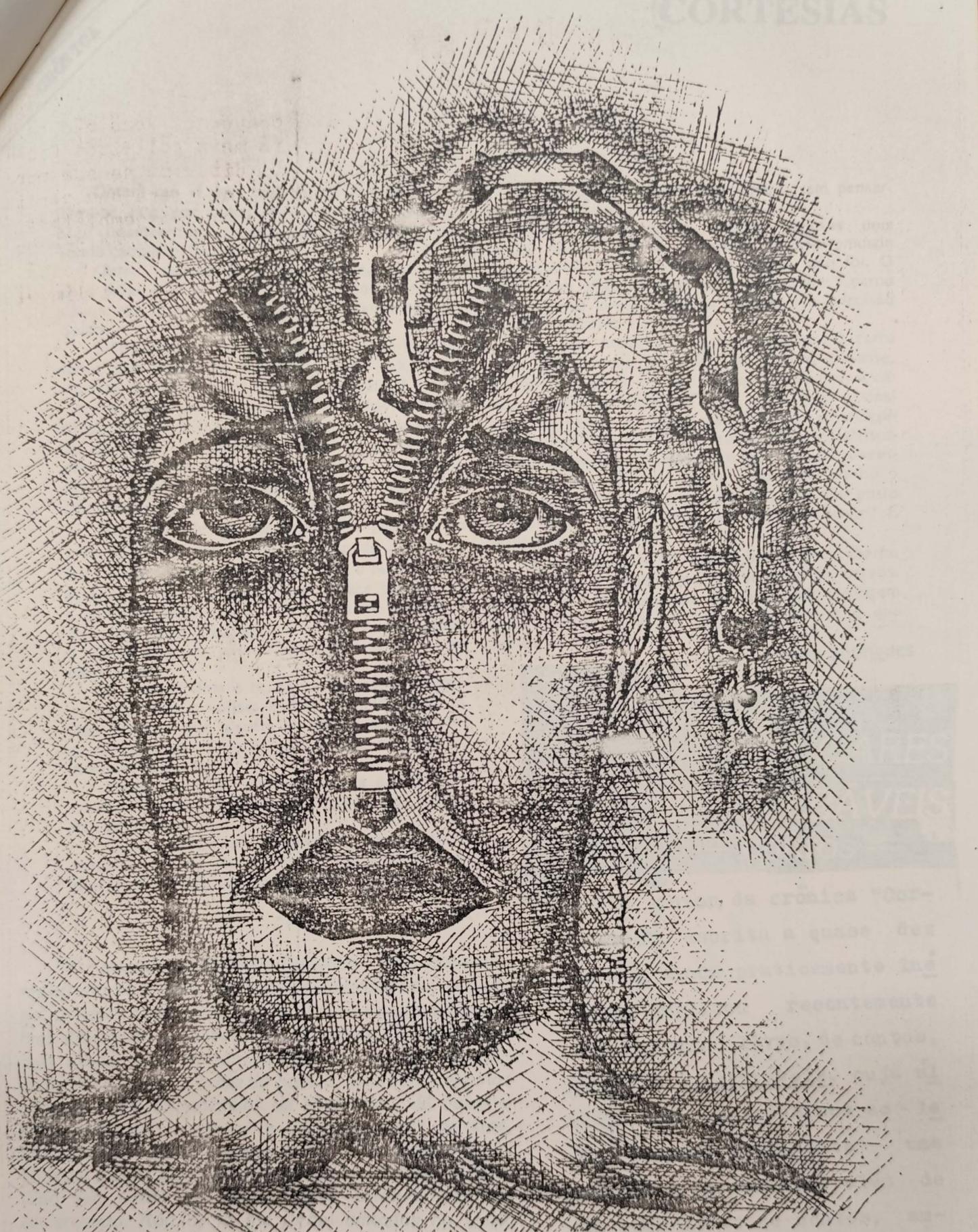
convento. Você não terá mais políticos fazendo discurso na sua porta; não terá que participar de Assembléias; não terá que se preocupar com café da manhã ou com o lençol limpo. Você estará integrado num imenso bloco E, onde sua liberdade é infinita (dentro dos limites impostos por eles da Coseas). Você deixará de ser um repugnante Cruspiano e passará a ser mais um integrante da tão cobiçada e asquerosa burguesia universitária, renegando até a última instância sua



condição de proletário autêntico.

Por toda essa mordomia você não precisa pagar nada, basta simplesmente outorgar a eles o direito sobre sua vida.

Licio
210-A



DESENHO DE LURDINHA

à crônica CORTESIAS

Ontem me vi com mal antigo: dor de dentes! Diga-se que por culpa minha: detesto dentistas. Meu tratamento que começou há mais de ano estava sendo cabulado um mês.

Ontem, segunda-feira plena, num sol que escala e deixa a gente com vontade de dormir em piscina e não fazer nada; nem favor a dente brocado e doído.

Nas quadras perto de casa notei que o lixo não havia sido recolhido, culpa dum gato malcheiroso em lata vermelha de ferrugem. Num quintal galinha escava. Uma casa velha e linda se inchava em ares de importância histórica, o rachado na parede sorrindo do tempo. As grandes árvores se agitavam no alto: ventava só em cima, em baixo o mormaço. Sôfrego passou um entregador de mercadorias. O coitado parecia um cachorro, a língua de fora.

Não gosto de segunda-feira... não gosto de dia nenhum da semana. Tudo invenção do homem, e tudo martirizando a gente com datas e horários pré-assentes. Mas segunda é pior! Parece sábado... a gente se acostuma a fazer assim assim, vem a segunda e toca a trabalhar o ofício. Vem o sábado e deixa a gente passear e dormir tarde, é um desconforto.

E o dente doía e os carros passavam rápidos: as coisas vão e voltam e ninguém pode julgá-las. Não acredito que alguém já perdeu alguma coisa nesta vida, não acredito noutra vida e só com a morte se perde algo.

Perde nada! Se não temos nada depois como estamos perdendo? Perde-se alguma coisa quando há continuação...!

Qual!? Nada de pensamentos agora: estava contando o que houve numa segunda-feira, não divagando metafísicas baratas e sem interesse.

"Fui nascido (16/5/58, em Ituiutaba - MG), batizado, registrado, vacinado, alfabetizado, imbecilizado, tornado pai, amigado e separado, casado etc... — e quero constar o meu desagrado e a minha contrariedade diante de tudo isso. Pouca coisa fiz com real prazer: o amor, quando ainda acreditava na força da paixão, esse livro, algumas poucas, raras experiências de liberdade... Já batalhei lutas coletivas, vitoriosas e inglórias, editei revistas, publiquei trabalhos que pouco ou nada diziam: já fui Quixote e já fui Sancho Pança, e assim deixei de nada ou tudo ser, traido ou traidor, pôlis relativa, bailarino esclerosado. Rótulos já me foram afixados na testa; alguns, mesmo contrariado, curti; outros, abandonei; hoje sou pura perplexidade, contradição, ser precário, homem de poucas esperanças. Esse texto poderia ser apresentação ou epitáfio, mas é apenas início e fim, caos."

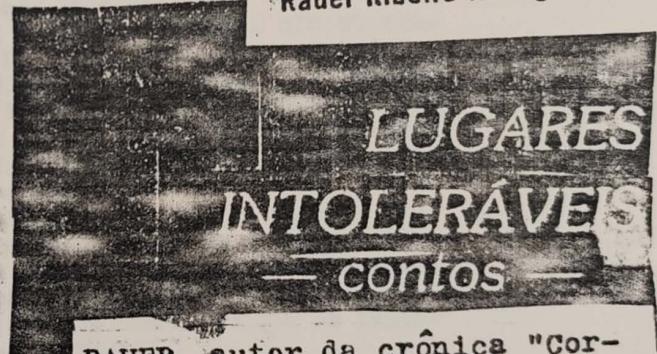
E então eu ia como um mineiro: sem pensar, pensando, vivendo a dor de dentes.

Num encontro vinham furiosos dois autos, eu na esquina a espera da oportunidade de cruzá-la. Frearam. Um fez que ia, não foi. O outro ficou olhando, esperando. Veio outro e parou atrás do que havia freado na esquina. Na indecisão dei dois passos à frente...

Um dos motoristas, o que tinha outro carro atrás, polidamente fez sinal que o outro passasse. Eu sorri no gesto, o motorista agradeceu com a cabeça e acelerou rápido. O que havia feito o sinal arrancou pedras e deixou borracha nos paralelepípedos, foi-se. O que estava esperando a desobstrução da avenida gentilmente fez para que eu passasse antes dele. Era um Volks e eu achei bonito o Volks e o motorista simpático. Eu, que não gosto de gostar!... Pensei: será que o Diabo existe? E respondi-me que não!

Depois, sentado no consultório, a boca aberta, um barulho irritando, me machucando os nervos, imaginei que o sujeito que me havia dado passagem fosse político. Não sei se é... se for, acho que nunca votarei nele.

Rauer Ribeiro Rodrigues



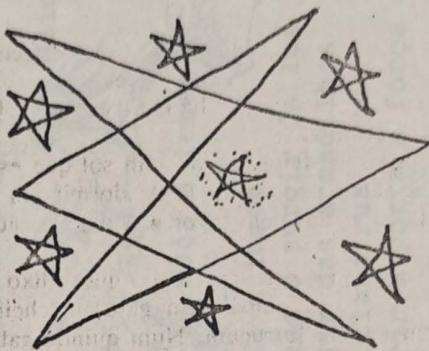
RAUER, autor da crônica "Cortesias", escrita a quase dez anos se, ainda praticamente inédita, publicou recentemente seu primeiro livro, de contos, Lugares Intoleráveis, cuja última capa reproduzimos ao lado. Prepara atualmente uma novela e um romance, além de um novo livro de contos, ambos abordando a juventude durante a década de 70 numa preconceituosa cidade do interior mineiro, Noroeste.

TARDE

PARTE IV - A LUZ VERDE NO ALTO DOS REFLETORES VAI FICANDO BRANCA, É DE DO AINDA, MAS O TEMPO ESTÁ ESCURO E O VISUAL CONTINUA MUDANDO A TODO MOMENTO, PASSAM CARROS DE VÁRIOS TIPOS NA 1^a, 2^a, 3^a, 4^a PISTA ASFALTA DA, NAS OUTRAS DUAS O MOVIMENTO É MENOR. PARTE II. UMA PESSOA FAZ GI NÁSTICA, DANÇA OU MOVIMENTA-SE NO GRAMADO EM FREnte, É UMA UNALOCKE AZUL, VESTIDA COM PLÁSTICOS P/ACHU VA QUE AMEAÇAVA SUA PRESENÇA. SERÁ QUE ELA VAI VOAR? PARA QUAL LUGAR DIRIGIRA SEUS PODERES? MAS O CALOR COMEÇA A AGITAR O MUNDO COM SUAS ONDAS QUENTES DE ENERGIA SOLAR. CORREM COMPASSADAMENTE NA FREnte DA JANELA, PRA LÁ E PRA CÁ, CADA UM VAI A ALGUM LUGAR. DUAS FIGURAS ATRAVES SAM O VERDE. BRANCO E VERMELHO. POSITIVO. EU GOSTO DE LARANJA. COR E FRUTA. GOSTO DE LIMA PELO SABOR. NÃO, LARANJA É LARANJA! (ATÉ MARI-LIA) 2^a TARDE: 3:09:82, N^oS:1,2.

-Você já desceu pra santos de trem?
Só, é uma boa, viu?
-Eu curto uma prainha aí, massa...
Lá não tem movimento de gente
-É feriado Enlouquece, até Perequê Santos não tive as manhas.

CRUSP 17. 18 hs... sexta-feira



PLAYSES

-Você sabia que o Guarujá foi do Maluf? Você tem dinheiro, mora, para comprar carne ali fora, PORQUE COMER ARROZ?

-Um chopinho agora vai ser o canal.
-Vou descolar uma banana aí fora.
-FOI DESCOLAR UMA BANANA NO VIZINHO (OOOOOO! ENTÃO MEU, VAMOS.)
-Pode crer,... Tá limpo, meu. o pessoal tem mais é que entender, vai fazer o que né meu?
-Sóne? Podecrê!

FOI O MAIOR DISCURSO E QDO EU VOLTO DE TARDE. "FAZ QUE TEUS OLHOS AVANCEM A MODO PODERES....". TELEFONE É MELHOR. 4+1=5. ESSE AÍ, A MAMNA DELE É PASSAR POR MENINO DE BOA ESTIMAÇÃO. É ISSO AÍ. LÁ NÃO.

-Que horas são?
-Palermo é uma cidade em que ninguém me nota... em todo lugar.... eu acho que já tem bastante gente conscientizada.

-A Sicília nunca aceitou os impostos de Roma!
-Nº 1: Eu não sei jogar, mas acerto algumas vezes.
-Nº 2: Eu estou pensando em ir pra minha casa e seguir o mesmo roteiro, escrever um pouco.



TIROU A PAREDE DO 5º ANDAR

na cos

Vagar

Cada dia que passa você engole uma gota de sal
Você fecha as mãos,
Você curva a cabeça
e contorce sua alma

Você acorda, dorme

Você divaga,

Você acorda e dorme.

Um dia você deixa de ser.

Um dia você se deixa ser.

Às vezes você é

Até quando você nota que nunca foi.

E todo dia é a mesma coisa.

É sempre a mesma coisa

e a mesma coisa

a mesma coisa

a mesma

E você pára e pensa

e não quer que a coisa seja de novo a mesma,

mas então você dorme e levanta

e de novo a mesma coisa acontece mesmo.

Tão estranho saber que também outras pessoas

estejam se esmagando como você se esmaga,

se cortando como você se rasga,

se achando como você se perde.

Todas elas em tempos e espaços distantes

em vozes e murmúrios constantes

Retrucando, retorcendo, retirando e resumindo

tudo um ser em apenas ser um mais.

26/06/82

MÁRCIA - 506 - A

TENTAR

Estar estável
não é sinônimo de estar bem
Estar estável

é sentir-se cômodo no seu casulo.

Estar estável é não usar energia para questionar
é solucionar no âmbito prático das situações

é procurar o caminho mais curto

que não nos faça sentir confusos

é procurar a resposta provisória

que responde até quando

surge novamente a questão

Questionar é balançar os conceitos em repouso

é ativar o tecido anestesiado

é tirar a casca da ferida

é explodir o hematoma

e ver o sangue verde fluir.

A dor inicial é inevitável.

ou se tenta matar a morte

ou seremos eternamente mortos.

MÁRCIA - 506 - A

Maio/82

nada a temer

nada a temer

senão o surgir da lua

fugir das armadilhas

da clara rua

abrir a porta à força duma fuga

longe se vai

correndo demais

mas longe não chega o fim

Bruno S., pseudônimo de Kasper Hauser

... seu amigo, colocarei sua vida representada no eixo horizontal formado por pontos positivos e negativos. Considerem-se os pontos positivos como o seu viver cotidiano, que é constituído principalmente por ações elaboradas racionalmente e, algumas, por mero acaso. Observe que o segundo fator determinante não é menos importante que o fator racional.

A vida é organizada pelo conjunto de tecidos. A partir da sua conceção segue-se a linha positiva. A partir daí, o rumo do indivíduo é determinado pelos direcionamentos, opções dia-a-dia, pelos acasos.

O eixo negativo é determinado pelos direcionamentos que não aconteceram, pelas opções não escolhidas, pelas não consequências. Trata-se de um sistema de possibilidades que, pela lei das probabilidades, determinariam "n" vidas diferentes. Estas reclamam seus espaços e tempos e, como alguém já disse, spiritum eternum est. Este espírito errante na fase positiva, incapaz de extravasar a energia em multiplus caminhos. Leve e solto no eixo negativo, afinal, existe bem antes da morte. Ou ainda se lêem um almanaque de um biotônico qualquer: "vivemos à espera da morte", "vivemos e morremos a minuto" ou morremos à espera de viver?

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA PLENITUDE

Segue-se por este eixo, tendo-se o zero como tendência à normalidade. Se o gráfico é negativo, imagina-se você como um aperto, de poucas opções e, quando as tem, não se define nem por outra nem por... É o seu ser prisioneiro de sua não vida. De suas não escolhas.

Se o ponto do gráfico assinala o outro lado, você é um ser positivamente vivente. Não consciente de suas outras vidas que reclamam os seus devidos lugares.

Dai que o zero é o ideal. O nada. Não existência? Ou esquecer de viver em função da obstinada procura. Do quê? Do zero, da morte de um animal racional, errante porque racional.

Vamos para as estatísticas e, otimisticamente, consideremos que você vive cinqüenta por cento de seu ser presente. De outros cinqüenta estão depositados no ato futuro: o chegar, o votar, o terminar de comer, o diploma, o gel esperado da tribo nossa de cada embate, o aplauso, o "vamos em paz que o senhor vos acompanhe", celebração. A essência do ser não consegue estar nem com por cento presente. Existe o medo de enfrentar-se a si próprio, concebido como a não matéria. A vida orgânica é o elo entre o corpo, composição de tecidos e o espírito, né? Zero, plenitude.

Somos felizes quando obtemos, perplexos, momentos de plenitude. Mas tem-se reservas ao pensar na plenitude maior. Na conscientização do ser errante porque intermediário.

Você se encontrou? Are you sure? Então ba-bau você não existe mais. Seja bem vindo meu nada adorado de minha existência carente que, pouco treca energia com os minerais e vegetais.

"Minegeta-re". Um existir vegetal de um ser minado.

Desapareça! Agora eu vou sair da frente desse espelho.

Edson Benton

A noite o espaço não urge quando estou só.
Na rua sou agredida, assaltada, estuprada, finalmente
repudiada — o ostracismo — transformada em bruxa.
Antes, feiticeira; depois, bruxa: "Por que ousas afastar-te da Virgem?"

A marginalidade é desgastante.
Apesar da coragem de andar nua, carregando apenas o açúcar e o afeto, o não-reconhecimento rasga a pele.
Continuamos, carregando a nossa força, o nosso açúcar queimado, o nosso afeto inseguro.

Jaz uma mulher (sem orgasmo), ao lado de um corpo que ronca: "Você é forte? Você não é flor."
E então o espaço da noite se encolhe, aperta, sufoca...
O que me salva é voltar a estar só.

Vila Madalena, 9/12/81.
Inês 408 F.

Painel da Literatura Marginal será realizado
05 NOV 82, no CRUSP - Sala de Vivência - tér
do Bloco B, a partir das 19H30.

No ano passado, o Painel aconteceu na FAU, reu-
niu 300 pessoas: poetas, contistas, sociólogos, an-
tropólogos, jornalistas, loucos, visionários, dança-
rinos, todos marginais!

Fruto do impasse, na cultura contemporânea, a
literatura marginal viabiliza a produção independen-
te, e faz chegar ao público através de seus criado-
res uma nova temática: uma visão alternativa, seja
na arte gráfica, no conteúdo, na vida, etc...

O Jornal do Crusp (REFLEXO DOS GATOS...) entre-
vistou Roberto Luiz dos Santos, organizador do Pai-
nel.

RG - Roberto, qual a avaliação que você faz do
Painel da Literatura Marginal - 81?

RL - Em primeiro lugar gostaria de fazer um re-
lato de todo trabalho feito pelo Rauer e eu. Fizemos
um projeto e apresentamos ao Chefe do Gabinete do
Reitor que nos encaminhou à Coordenadoria de Assun-
tos Culturais - CODAC. Tivemos vários problemas com
os burocratas dessa coordenadoria pois dentro do es-
quema deles não há espaço para estudantes, sendo
que na maioria das vezes foi o chefe da gráfica quem
definiu o que poderia ou não ser feito. A CODAC im-
primiu os convites-circulares e os volantes, o Gabi-
nete do Reitor enviou os convites-circulares e pa-
gou o fotolito do cartaz, a ECA pagou a passagem do
professor Carlos Alberto da UFRJ. Apesar da demora
no envio dos convites-circulares recebemos grande
número de publicações alternativas, de quase todos
os Estados do Brasil. Todas as pessoas que estive-
ram presentes acharam louvável a iniciativa. A dis-
cussão se perdeu na medida que queriam fazer daqua-
le encontro palco de deliberação, no sentido de se
formar uma cooperativa, não com finalidade de dis-
tribuição, mas sim montar um parque gráfico, ou me-
lhore, uma editora alternativa. Como parte do aniver-
sário da retomada do CRUSP foi muito importante, já
que houve boa participação dos moradores. A leitura
dos poemas e a dança combinadas no calor da hora
foram ponto alto do Painel. O caderno do Painel
foi feito pela Carolina e a tiragem pequena dando
apenas para ser distribuído aos que participaram
do Painel - enviando material ou que estiveram
na FAU e deixaram o endereço.

RG - Em 82 como vai ser o Painel?

RL - Para esse ano esperamos receber muitas
publicações, a presença de muitas pessoas, uma vez
que já temos em mãos o material de divulgação e os

contatos já estão quase todos prontos. Este ano o
Painel será no espaço do próprio CRUSP fazendo
parte das atividades referentes ao 3º aniversário
da retomada do Conjunto Residencial.

RG - O rótulo "marginal" não é uma estratégia
para vender mais?

RL - Não sei se é para vender mais, pode ser
para vender. Segundo a tese do prof. Carlos Alberto - Retrato de época - poesia marginal - anos 70,
este movimento pode ser definido assim: como uma
saída, uma vez que os circuitos tradicionais es-
tavam e estão fechados para um poeta iniciante.
Para Glauco Mattoso em seu pocket - O que é poesia
marginal podemos ler: "Na verdade, marginal é sim-
plesmente o adjetivo mais usado e conhecido para
qualificar o trabalho de determinados artistas,
também chamados independentes ou alternativos
(por comparação com a imprensa manica, teorica-
mente autônoma em relação à grande imprensa e
contestadora em relação ao sistema). Dizer que um
poeta é marginal equivale a chamá-lo ainda de sór-
dido e maldito (por causa da noção de antissocial),
mas esses adjetivos soam mais como elogio porque
viraram sinônimos de alternativo e independente."
p. 8. Em O Arco e a Lira, de Octavio Paz, o tema é
abordado assim: "Realmente, o traço distintivo da
Idade Moderna, do ponto de vista da situação social
do poeta, é sua posição marginal. A poesia é um
alimento que a burguesia — como classe — tem sido
incapaz de digerir. Eis porque uma vez ou outra ela
tentou domesticá-la. Só que mal um poeta ou um movi-
mento poético cede e aceita regressar à ordem soci-
al, surge uma nova criação que constitui, às vezes
até sem se propor a isso, uma crítica e um escânde-
lo. A poesia moderna se converteu no alimento dos
dissidentes e desterrados no mundo burguês. Uma
poesia em rebeldia corresponde a uma sociedade di-
vidida." p. 48.

RG - Como é que sobrevive um poeta marginal?

RL - Alguns dizem que sobrevivem das publica-
ções que produzem e vendem, mas o que existe é o
mito como este descrito por Reinaldo Moraes no li-
vro Tanto Faz na p. 53: - "Só que pra ser poeta
marginal no Rio de Janeiro é preciso tomar molotov

O título me parece meio estranho a primeira vista, assim como também pode -ou não- parecer ao leitor. Ora, um caramujo, vá lá que vagueie por entre as folhas de sua samambaia, percorra as begonhas e até mesmo dê um pulinho no vaso dos cactos, mas chegar ao ponto de uma ação (ir) racional, como partir espontaneamente para a morte, já é demais! Tudo bem, eu aceito críticas e foi por isso, por saber que tal título provocaria controvérsias sobre a qualidade ou não do texto, que resolvi, antes, aqui, nesse primeiro parágrafo, expor minhas hipóteses sobre a resolução do caramujo e a compreensão de que, antes de ser um ato intuitivo (que eu saiba os caramujos não procuram a morte comum), está imbuido de "reflexão" e disposição para "thanathos". E para que minha tese tenha uma maior clareza, explanarei ponto a ponto, desde meu primeiro contato com ele, até a manhã em que o vi morrer sobre o tacho no canto do quarto.

No primeiro momento pensei que fosse apenas uma pedra, dessas que sempre vem junto com a terra, de formato estranho. Olhei atentamente e vi que a pedra se locomovia lentamente e que de uma de suas extremidades, se é que as possuía, emanavam dois pequenos filetes pontiagudos. Ora, ora só poderia se tratar de um caramujo, ou não?... Fiquei a observar a coisa por mais alguns minutos, curioso por saber o que fazia tão solitário (a) por entre as raízes que emergiam da terra. Por alguns instantes pensei que se alimentava, mas ao perceber que ao se mover deixava um rastro luminoso atrás de si, trahei logo de trocar a primeira idéia por uma mais transcendente. Digo transcendente pois o lume viscoso brilhava muito e notava-se, ao olhar mais atencioso, que ele penetrava na terra, na tentativa talvez de emitir algum sinal, que logo que o produtor não existisse mais, se perpetuasse por mais um ou dois dias, até a chegada do receptor.

O leitor deve achar absurdo eu me aprofundar instantaneamente ao observar o fato numa expli-

O CARAMUJO SUICIDA

cação tão mirabolosa. Lume viscoso, brilho excessivo, perpetuação de sinais, de onde esse cara foi tirar tais coisas, devia estar em outro planeta! pode parecer incrível, metafísico, surpreendente, mas sensibilizou-me o fato e mesmo eu saí após a observação um pouco desmorteado; de onde eu teria conseguido captar tais mistérios?

Somente anos após, talvez dois ou três, é que consegui obter a resposta. Durante esse tempo, eu ficava horas a matutar sobre aquilo e, sempre que podia, corria até o xaxim para constatar o lume e ele lá estava, mas o caramujo eu não conseguia localizar. Olhava por um lado, por outro, por entre as folhas e nada, havia sumido!

Aconteceu a tarde. O dia estava cinzento e uma chuva fina molhava os telhados que eu bem avistava da janela do quarto. Gosto de ficar por muitos observando a chuva, sinto que temos algo de diferente onde os opostos se completam. Estava quase rarefeita a atmosfera chuvosa quando ela atravessou ligeira a janela e surpreendeu-me o fato de dirigir-se sem meias-voltas ao vaso que eu estivera dias atrás a observar. Quando se situava em algum ponto do vaso, "parou no ar" e agitando levemente suas asas deixava cair sobre o solo um pó igualmente luminoso ao lume do caramujo. Nesse instante corri até o vaso para vislumbrar o local exato onde se encontrava a mariposa e ela assustada saiu por onde antes entrara. O pó deixado por ela revestia toda a listra que antes havia e a fusão das co-

res fazia com que o rastro brilhasse ainda mais, quei maravilhado com o visual e por minutos me senti pesado e muito forte, de tal forma que com muito custo consegui transportar o vaso até a janela e deixar, quase que por um comando sobrenatural, que a fecundação ocorresse longe de minhas vistas. Tentei me esquecer do que aconteceu, nos dias seguintes, por achar que o fato fugia do campo das explicações racionais. Foi então que meses após, ao me aproximar novamente do vaso notei que o brilho desaparecera e dava lugar a formas de vida parecidas



das com a primeira "pedra" que eu avistara.

E, somente hoje, anos após o acontecido, é que eu relembro e transcrevo esse fato curioso. E somente hoje que eu me lembro do seu cadáver sobre o tacho e somente hoje eu consigo decifrar todo o mistério, ao ver que os vasos estão cobertos de rastros luminosos, o chão de cadáveres e o quarto de mariposas.

PAINEL DA LITERATURA MARGINAL



05 NOV. 82

19H30

Sala de vivência

bloco B

promoção: CRUSP Conjunto
Residencial
da USP
CASA DE ESTUDANTES
SOBRETUDO UM MELHOR VIVER

nas canaletas e jogar a carteira de trabalho na baía da Guanabara. Não tenho peito pra isso, meu lado amanuense Belmira é muito forte, você sabe. Poeta marginal carioca, positivamente, não dá pé. Já contista mineiro, quem sabe." Se bem que viver de literatura neste país somente poucos conseguem e cito alguns nomes: Jorge Amado, Ignácio de Loyola Brandão, João Antônio.

RG - Como fica a questão da organização desse movimento?

RL - A participação se dá quer a nível tradicional - Bienais, ou alternativo - Painéis. Nesses eventos os poetas organizam-se individualmente ou em grupo, existem grupos que atuam como produtores: Findaíba, Pooco Só-poesia, Poetasia, (SP); Trote (RJ); Pirata (PE). A distribuição se dá em diversas cidades, aqui cito alguns locais - Bienal Internacional do Livro, Bienal Nestlé, Canto Livre e Painel da Literatura Marginal (SP); Feira de Literatura Independente (Santos) e Projeto Centro de Cultura Alternativa (RJ).

RG - Fala-se que a poesia marginal, em geral, é de má qualidade você concorda?

RL - Eu não concordo na medida que a produção que se faz hoje, mesmo sendo a denominada marginal é POESIA tal como a feita pelos movimentos: modernista; geração 45; concretista; tendência; praxis; processo e tropicália. Pra que qualificar a poesia, isto é coisa de "crítico" de jornal ou universidade!

RG - Você é um poeta, desde quando?

RL - Sou poeta, desde 1967.

RG - O que você já publicou?

RL - Editei o livro Palavra Y Estigma - 80; a

revista Viva Eu - Carnaval de 81; o folheto RYLVS - 82; a publicação OS MUROS OS ESPÉLHOS OS LÂBIOS VERMELHOS - inverno 82 e estou trabalhando a revista RYLVS, que está quase pronta.

RG - Qual o objetivo de se fazer o Painel da Literatura Marginal aqui no Crusp?

RL - O objetivo é que existe aqui no Crusp muitos moradores que fazem suas publicações - livros, revistas e folhetos através do sistema marginal. Esse espaço como foi retomado é tido como ocupado por estudantes da usp, mas estes são considerados como senão existissem enquanto moradores dentro da estrutura da burocracia universitária. Um evento desse porte tem muitos significados como: de se comemorar a cada aniversário do Crusp um painel de literatura, onde haja espaço para todos que produzem seus trabalhos e os divulguem. Promover vivência na medida que este ponto sempre é colocado mas nunca viabilizado. Fazer com que muitas pessoas venham até este Conjunto Residencial e que possam se inter-relacionar cada um a sua maneira. Mostrar aos burocratas culturais da usp que quase toda sua programação pouco nos interessa. E que o custo de certas realizações de alunos e professores valem a pena na medida que terão a resposta pela grande participação da comunidade universitária e de fora tão ávidos por eventos livres e gratuitos.

